



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Soniara Santos Torres Farias

**ANÁLISE LINGUÍSTICA PARA LEITURA DO TEXTO JORNALÍSTICO:
verificando a parcialidade de reportagens no Ensino Médio**

CAMPINA GRANDE-PB
2023

SONIARA SANTOS TORRES FARIAS

**ANÁLISE LINGUÍSTICA PARA LEITURA DO TEXTO JORNALÍSTICO:
verificando a parcialidade de reportagens no Ensino Médio**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. José Herbertt Neves
Florencio

CAMPINA GRANDE-PB
2023

F224a

Farias, Soniara Santos Torres.

Análise linguística para leitura do texto jornalístico: verificando a parcialidade de reportagens no Ensino Médio / Soniara Santos Torres Farias. – Campina Grande, 2023.

45 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio".

Referências.

1. Análise Linguística. 2. Reportagem. 3. Parcialidade em Textos Jornalísticos. 4. Oficinas Pedagógicas. I. Florencio, José Herbertt Neves. II. Título.

CDU 81'42(043)

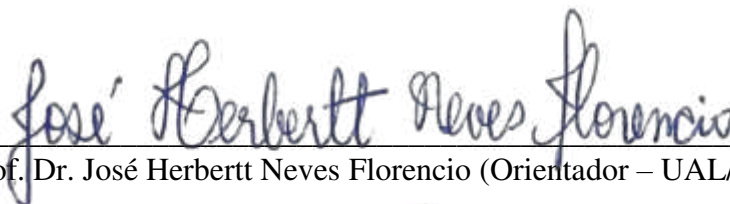
Soniara Santos Torres Farias

**ANÁLISE LINGUÍSTICA PARA LEITURA DO TEXTO JORNALÍSTICO:
verificando a parcialidade de reportagens no Ensino Médio**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em 7 de novembro de 2023.

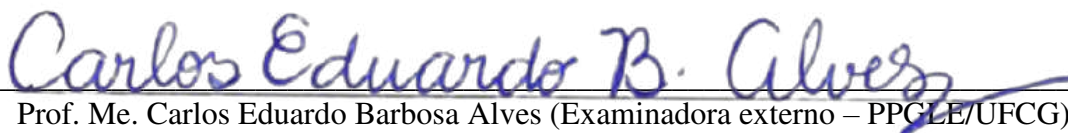
Banca Examinadora:



Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio (Orientador – UAL/UFCG)



Profa. Ma. Evanielle Freire Lima (Examinadora externa – PPGLE/UFCG)



Prof. Me. Carlos Eduardo Barbosa Alves (Examinadora externo – PPGLE/UFCG)

Dedico este trabalho à memória de Rita Torres, que me amou como sua filha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter chegado até aqui. Foi Ele quem me prometeu que abriria a porta da faculdade e estaria comigo até o fim. De Deus me veio a sabedoria e a inteligência, das quais necessitei durante todo o curso.

À memória da minha mãe/avó, Dona Rita, que, em suas orações, sempre intercedeu por mim e pelo meu sucesso. Dela me veio a coragem de lutar. Exemplo de vida e superação que guiam meus passos todos os dias da minha vida. A ela, minha eterna gratidão e amor.

A minha família, pilar na minha vida. Meu esposo Flávio, que, em todas as horas, me estendeu suas mãos e, com tanto amor e compreensão, entendeu meus momentos de ansiedade, nervosismo e insegurança. Às minhas filhas, Lexxie e Emilly, pelo apoio afetivo e seus incentivos para que eu continuasse.

Agradeço imensamente ao meu professor e orientador Dr. Herbertt Neves, que contribuiu de forma efetiva para o meu desenvolvimento acadêmico, sempre estando de prontidão para sanar minhas dúvidas.

Agradeço a minha tia Cleide, que foi figura essencial para que eu pudesse estudar e me formar. Sempre guardarei em meu coração sua ajuda ao cuidar tão bem das minhas filhas enquanto eu estudava.

Aos meus amados pais, Sonilda e Ezequias, que sempre estão me apoiando e orando pela minha vida. Essa conquista é de vocês também.

Aos queridos amigos que formei na faculdade, Allan Alfredo, que, com tanto carinho, mandava áudios me gritando e dizendo que eu iria conseguir. A Fernanda Mattos, que sempre me ajudou com palavras de acolhimento e incentivo. A Viviane Stayne, a quem tanto aperreei durante a graduação, e ela sempre sorridente me ouvia e ajudava.

Enfim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para minha formação. Meus sinceros agradecimentos.

*O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.
Ele me faz repousar em pastos verdejantes.
Leva-me para as águas tranquilas;
Refrigera a minha alma;
Guia-me pelas veredas da justiça por amor do meu nome.*

RESUMO

O presente trabalho mostra o resultado de uma pesquisa de campo realizada no período da disciplina do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa. O projeto propôs o estudo do gênero reportagem nas análises linguísticas de textos jornalísticos. A iniciativa de criar uma oficina de estudos sobre tal assunto se deu no decorrer das observações das aulas de estágios, em que identificamos a dificuldade dos alunos do Ensino Médio no eixo de análise linguística. Pensando em contribuir para a melhoria do ensino da língua, a pesquisa feita no contexto de sala de aula se propôs a mediar o ensino sobre os efeitos de parcialidade contidos nas notícias e reportagens, as quais puderam ser identificadas através da análise linguística. Buscou-se despertar nos jovens leitores um olhar crítico sobre os diversos textos noticiosos lidos. Por isso, relatamos nesse projeto as práticas pedagógicas utilizadas com os alunos do 1º Ano do Ensino Médio, apresentando as formas com que foram divididas as oficinas e quais materiais didáticos foram utilizados em cada uma das etapas, além dos resultados obtidos. Nesse contexto inicial, apresentamos para a classificação da pesquisa os estudos de Motta-Roth e Hendges (2010), Flick (2009), Prodanov e Freitas (2013), Morin (2004) e Severino (2007). Para o estudo das práticas de análise linguística, nos ancoramos em Faraco (2005), Dias (2020), Reinaldo (2020), Geraldi (2003), Brasil (1997; 2015), Bezerra e Reinaldo (2020), Mendonça (2019) e Possenti (2001). No que se refere às análises dos textos jornalísticos, aderimos aos conhecimentos de Bueno (2011), Amaral (1969), Lustosa (1996), Zipser e Polchlopek (2009) e Beltrão (1980). Em síntese, as atividades de análise linguística propostas nas oficinas se mostraram positivas. Constataram-se evoluções nas respostas dos alunos e nos desempenhos das atividades.

Palavras-chave: Oficinas pedagógicas. Análise linguística. Texto jornalístico. Reportagem. Notícia.

ABSTRACT

The work presents the results of a field research conducted during the Supervised Internship in the Portuguese Language course. The project proposed to study the news reporting genre in the linguistic analyses of journalistic texts. The initiative to create a study workshop on this topic arose from observations made during the internship classes, where we identified the difficulties faced by High School students in the linguistic analysis axis. As a way of contributing to the improvement of language education, the research carried out in the classroom context aimed to mediate teaching about the effects of partiality present in news and news reports, which could be identified through linguistic analysis. We sought to encourage in young readers a critical perspective on the various news texts they read. Therefore, in this study, we describe the pedagogical practices used with 1st-year High School students, presenting the ways in which the workshops were divided, the didactic materials employed in each stage and the results obtained. In this initial context, we present the studies by Motta-Roth and Hedges (2010), Flick (2009), Prodanov and Freitas (2013), Morin (2004), and Severino (2007) for research classification. For the study of linguistic analysis practices, we drew upon Faraco (2005), Dias (2020), Reinaldo (2020), Geraldi (2003), Brasil (1997; 2015), Bezerra and Reinaldo (2020), Mendonça (2019), and Possenti (2001). Concerning the analysis of journalistic texts, we adhered to the knowledge of Bueno (2011), Amaral (1969), Lustosa (1996), Zipser and Polchlopek (2009), and Beltrão (1980). In summary, the linguistic analysis activities proposed in the workshops yielded positive results. The developments were observed in the students' responses and their performance in the activities.

Keywords: Pedagogical workshops. Linguistic analysis. Journalistic text. News Reporting.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa da notícia sobre o dia “Dia D” para a segunda dose de vacinação	27
Figura 2 – Notícia G1 sobre petista assassinado por apoiador de Bolsonaro	29
Figura 3 – Reportagem em quadrinho sobre a polícia	31
Figura 4 – Reportagem em quadrinho sobre a Caixa	33
Figura 5 – Reportagem em quadrinho sobre os migrantes	35
Figura 6 – Primeira atividade diagnóstica	37
Figura 7 – Segunda atividade diagnóstica	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Análise linguística
HQ	História em quadrinhos

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS	14
2.1	Caracterização do campo de pesquisa	14
2.2	Procedimentos técnicos	15
2.3	Classificação da pesquisa	16
3	ANÁLISE LINGUÍSTICA	18
3.1	Práticas de análise linguística no ensino de português	21
3.2	Análise do texto jornalístico	23
4	APLICAÇÃO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS	26
4.1	Oficina 1	26
4.2	Oficina 2	30
4.3	Oficina 3	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	42

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo dos gêneros textuais se torna cada vez mais necessário quando pensamos em estudo da linguagem. Em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, nós, professores, precisamos pensar em formas de incluir nas leituras a reflexão crítica e racional daquilo que está sendo lido, como estão sendo ditas as informações e o porquê de serem ditas. Sabemos que os alunos têm a capacidade de compreensão de tudo que ocorre à sua volta; e eles também têm sua “bagagem” de mundo, trazendo consigo suas vivências e experiências extraclasse, o que contribui para seu aprendizado.

Partindo da visão de que o gênero textual circula em diversos contextos comunicativos e exerce, assim, uma função social, a escolha de se trabalhar com o gênero notícia - em textos jornalísticos - nos permite desenvolver melhor o senso crítico dos educandos a respeito das várias notícias que são lidas ou vistas nos diversos tipos de plataformas de comunicação. Desse modo, é de vital importância que haja uma boa compreensão sobre o que é jornalismo noticioso e jornalismo opinativo, porque os alunos tendem a confundir. Conduzir os estudantes a aprender essa distinção evita a frequente confusão entre esses tipos de texto. Para isso, é necessário observar as características de cada um.

Sabemos que um dos princípios do meio jornalístico é a isonomia, ou seja, a impessoalidade e imparcialidade ao oferecer informações públicas. Esse princípio se contradiz quando verificamos, por meio das análises linguísticas, a construção dos enunciados de tais reportagens. Nem sempre os textos que trazem a informação assumem a imparcialidade (não privilegiar qualquer das partes envolvidas). Pelo contrário, a forma pela qual os enunciados são criados tem, mesmo que de forma implícita e sutil, efeitos de parcialidade (tomar partido favorável ou contra algum lado), como, inclusive, em qualquer prática de linguagem. Esses efeitos só são detectados com uma leitura mais atenta dos textos.

Considerando todos esses pontos supracitados que permeiam o ensino de língua e o gênero em questão, devemos considerar as várias vantagens de se trabalhar com o gênero jornalístico, pois este está presente no cotidiano dos nossos alunos e circula todos os dias com uma gama de informações acerca dos mais variados temas. Isso facilita o trabalho do professor na hora de escolher as notícias e reportagens a serem trabalhadas em sala de aula.

Ademais, o estudo das comunicações jornalísticas em reportagens e notícias nos permite observar, por meio da análise linguística, as intenções ideológicas na escrita desse gênero, bem como seus enunciados são construídos, identificando os elementos usados para o

convencimento do leitor e colaborando, assim, para uma leitura mais detalhada dos alunos, com olhar crítico sobre os discursos apreoados nos meios de comunicação.

Na busca da resposta aos problemas de má interpretação e compreensão das leituras feitas pelos alunos, optamos pelo estudo de gênero notícia em textos jornalísticos nas aulas de Língua Portuguesa. Este trabalho foi desenvolvido no estágio obrigatório supervisionado do curso de Letras Português, com as turmas do 1º Ano A e B do Ensino Médio da escola pública Dom Luiz Gonzagas Fernandes, no Bairro das Malvinas, em Campina Grande-PB. A motivação de se criar uma oficina para desenvolver melhor os estudos sobre gênero notícia e seus jogos de parcialidade em reportagens se deu após observar, durante as aulas, a dificuldade analítica dos educandos. Os estudantes, em geral, não conseguem, de forma efetiva, entender o motivo das escolhas dos enunciados linguísticos e seus jogos de parcialidade.

Diante disso, no processo da elaboração das oficinas, surgiram os seguintes questionamentos: *qual é a importância de se trabalhar a parcialidade de gêneros jornalísticos?* Baseando-se nesse questionamento, o objetivo geral desta monografia é *compreender como os alunos do Ensino Médio analisam a parcialidade em enunciados linguísticos de textos jornalísticos.*

Como objetivos específicos, temos: a) identificar os conhecimentos prévios dos estudantes em relação ao texto jornalístico; b) analisar a percepção dos discentes a respeito de recursos linguísticos e extralinguísticos em reportagens escritas; e c) comparar os conhecimentos dos estudantes sobre jornalismo, averiguando suas respostas antes e depois das atividades de análise linguística.

Após esta seção inicial, com uma visão geral do texto jornalístico, temos a seção metodológica, detalhando o *corpus* e os procedimentos da pesquisa. Na seção teórica, sobre Análise Linguística, observamos questões históricas do conceito, alguns aspectos sobre documentos oficiais e sugestões de como se trabalhar com essa prática em textos jornalísticos. Na seção de aplicação das oficinas, há detalhadamente os procedimentos didáticos das oficinas, como elas foram aplicadas e quais materiais foram selecionados para cada etapa. Encerramos com as considerações finais.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida em duas turmas do 1º Ano do Ensino Médio, envolvendo 44 (quarenta e quatro) alunos, entre 15 (quinze) e 17 (dezesete) anos de idade. A elaboração das oficinas foi pensada para se trabalhar com o gênero notícia e os jogos de parcialidade presentes nos textos jornalísticos. Considerando que a principal intenção é a efetivação e consolidação dos conhecimentos, durante todo o processo das oficinas, os alunos foram instigados a observar tanto os aspectos textuais quanto os elementos paratextuais e supratextuais: imagem, títulos, subtítulos, etc. Para enriquecer o trabalho com textos jornalísticos, diversificamos a complexidade em diferentes níveis de leituras: verbal e não verbal, textos mais e menos monitorados. A forma de análise pedagógica se deu pelos textos lidos em sala de aula durante as oficinas, e a avaliação ocorreu pelas impressões diretas da professora estagiária e pelas análises das respostas obtidas antes e depois da oficina. O método de análise é o dialético, mantendo um contínuo processo de reavaliação das práticas pedagógicas e dos materiais didáticos escolhidos. Nesta seção, então, descrevemos os principais pontos da nossa pesquisa, cujo desenvolvimento ocorreu em outubro de 2022.

2.1 Caracterização do campo de pesquisa

O local da pesquisa foi a escola pública estadual Dom Luiz Gonzaga Fernandes, no Bairro das Malvinas, em Campina Grande-PB. A escolha da referida escola deu-se por ser ela o campo de estágio curricular supervisionado da pesquisadora. A opção pelo trabalho com a oficina dentro do estágio ocorreu por no período das observações, em que identificamos dificuldades das turmas nas habilidades de análises enunciativas em contato com textos jornalísticos. A partir disso, decidimos trabalhar com o gênero Notícia e criamos uma oficina dividida em três etapas que nos permitiria tanto desenvolver as habilidades dos alunos nos eixos da leitura e análise linguística como também observar os comportamentos dos estudantes em contato com textos jornalísticos e seus possíveis desenvolvimentos cognitivos e analisar as propostas pedagógicas escolhidas para cada etapa.

No que se refere às oficinas, elas foram divididas em dez aulas, sendo seis aulas para a primeira oficina, duas aulas para a segunda oficina e duas aulas para a terceira e última etapa das oficinas. Na primeira etapa (oficina 1), levamos em consideração o conhecimento prévio dos sujeitos sobre o assunto e buscamos coletar os primeiros dados da pesquisa para que, no final da oficina, fizéssemos o acompanhamento evolutivo dos estudantes.

A primeira e segunda aulas foram destinadas para a exploração do tema a ser trabalhado, “Gênero textual: notícia”, tendo por objetivo averiguar quais informações os alunos já tinham sobre a temática e obter os primeiros dados com as respostas da atividade diagnóstica para serem utilizados na presente pesquisa. No terceiro e quarto momentos, iniciamos a parte conceitual acerca dos seguintes assuntos: gênero notícia; textos jornalísticos; notícia e reportagem. Utilizamos o livro didático para trazer as informações sobre os pontos supracitados. Nesse momento, centramos nas informações estruturais de cada texto: características; fonte autoral; vozes presentes nos textos; utilidade comunicativa, etc. Utilizamos o próprio material didático (o livro) da escola, pois esse foi um pedido da professora supervisora, que esclareceu que iria utilizar o tema trabalhado nas oficinas nas provas bimestrais e que a parte teórica do assunto seria mais fácil se fosse pelo próprio livro, pois os alunos tendem a perder as folhas entregues, mas que os demais textos jornalísticos para as análises linguísticas poderiam ser em anexo. No quinto e sexto encontros, trabalhamos com os textos jornalísticos, observando os pontos trabalhados nas aulas anteriores e fazendo a distinção entre reportagem e notícia e diferença entre textos de cunho opinativo e noticioso e suas funções comunicativas.

A segunda etapa (oficina 2) foi voltada para os eixos da leitura, compreensão e interpretação textual. Já com o aparato teórico explicado, entregamos impressos textos jornalísticos, reportagens e notícias, com o intuito de que os alunos lessem e identificassem os conceitos de texto opinativo e noticioso, parcialidade da notícia, recursos textuais e visuais nas construções ideológicas contidos nos textos entregues.

Por fim, no nono e décimo encontros (oficina 3), trabalhamos com as análises linguísticas dos enunciados jornalísticos com a intenção de averiguarmos se, na escrita de tais textos, poderíamos encontrar todos ou alguns dos conceitos que estudamos no decorrer de toda a oficina. Finalizamos a oficina com a mesma atividade diagnóstica aplicada nas aulas iniciais com o intuito de observar as evoluções acadêmicas dos sujeitos da pesquisa nos eixos das habilidades de leitura, interpretação, compreensão dos textos e análise linguística.

2.2 Procedimentos técnicos

A partir das oficinas criadas, analisaremos como foi desenvolvida cada atividade de análise linguística presente nas oficinas, bem como os resultados das respostas iniciais e finais das atividades diagnósticas que foram coletadas dos sujeitos da pesquisa. O foco principal da nossa pesquisa é a observação de como os sujeitos pesquisados se comportam diante de textos jornalísticos e como analisam os enunciados linguísticos. Sendo assim, na presente pesquisa,

foram surgindo alguns caminhos: identificação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática; comparação dos conhecimentos adquiridos no decorrer da pesquisa, principalmente das habilidades adquiridas por eles frente às propostas de análise linguística em textos jornalísticos.

Nossa pesquisa centra sua análise nos resultados coletados no decorrer das etapas da oficina e nas observações diretas que obteve inserida no campo pesquisado. O material coletado serve como apoio para analisar as práticas de ensino sugeridas nas aulas e também como ponto de reflexão para entendermos se tais práticas obtiveram o resultado esperado.

2.3 Classificação da pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, a partir dos postulados de Motta-Roth e Hendges (2010) e Prodanov e Freitas (2013). Segundo os autores, a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador, que está imerso no ambiente cujo objeto de estudo se encontra, interagir com ele, praticando ações e coletando informações das reações dos objetos estudados. Esse tipo de pesquisa preocupa-se e firma seus estudos nas relações sociais. As autoras mencionam que, em uma pesquisa qualitativa, o pesquisador precisa ter um bom reconhecimento do objeto de estudo. Ele deve também analisar por diferentes perspectivas aquilo que está sendo estudado de modo que o pesquisador construa reflexões sobre tal processo.

Flick (2009) esclarece que, para que esse tipo de pesquisa seja praticada, faz-se necessário que o indivíduo pesquisador se insira no mesmo ambiente do objeto de estudo. A partir daí, o pesquisador passa a atuar ativamente propondo intervenções e analisando os resultados obtidos entre as etapas de sua pesquisa. Já a forma de efetivar seus resultados é quando o pesquisador/observador faz uma reflexão sobre os efeitos alcançados ou não por elas, analisando as experiências individuais e/ou coletivas das interações, como no caso de nossa pesquisa.

Classificamos também esta pesquisa como uma pesquisa-ação baseando-nos nas propostas teóricas de Morin (2004), que também destaca a participação efetiva do pesquisador nesse tipo de pesquisa. Este estudo foi desenvolvido em nossa atuação como professora estagiária, com ações planejadas e materiais elaborados de modo que me permitissem observar e coletar informações sobre o que estava sendo estudado no ambiente escolar imerso a um contexto real de sala de aula. Severino (2007) define a pesquisa-ação como aquela que analisa ao mesmo tempo em que interfere intencionalmente na situação. O pesquisador se coloca no

mesmo espaço dos conjuntos de sujeitos envolvidos, e suas ações visam ao aprimoramento das práticas estudadas.

Em síntese, definimos nossa pesquisa como sendo qualitativa e pesquisa-ação. Por conseguinte, passamos para a seção de fundamentação, com os estudos que embasaram nossa pesquisa.

3 ANÁLISE LINGUÍSTICA

Quando analisamos o ensino de língua e as práticas de ensino, no eixo da Análise Linguística (AL), podemos verificar, nos diversos trabalhos desenvolvidos sobre o tema, a importância de se trabalharem, por meio da AL, as reflexões sobre os vários aspectos da língua integrando leitura, escrita de textos e análises textuais.

Reinaldo (2020) explica que, na década de 1980, a linguística no Brasil foi se consolidando, e os estudos sobre AL passaram a se dividir em duas partes: a escrita dos aspectos da língua e suas diversas unidades (fonema, sintagma, palavra, frase etc) e um segundo grupo voltado ao interesse pela descrição. A autora reforça que o professor, como mediador do saber, precisa conduzir seus alunos para a organização dos argumentos, contidos dentro de um texto, capazes de sustentar determinado ponto de vista. Ela reafirma a importância da AL voltada para o processo de leitura e escrita e produção textual: “[...] a análise linguística circunscrita simplesmente à prescrição gramatical, enfatizando a palavra e a frase, cede espaço para o texto e se constitui um recurso para a reflexão sobre a leitura, escrita e o próprio fenômeno linguístico [...]” (Reinaldo, 2012, p. 235). Portanto, podemos afirmar que a AL está voltada para a reflexão e compreensão dos usos linguísticos e suas diversas formas de produção de sentidos contidos no texto, seja ele oral ou escrito.

Geraldi (2003) contribui para entendermos como o professor deve executar uma atividade de AL bem elaborada. Para ele, a proposta da prática de AL nas atividades acadêmicas deve começar pela produção textual dos alunos, fazendo com que eles percebam a importância da releitura e da reescrita utilizando como apoio a gramática. Observemos quais atividades ele menciona para se trabalhar em sala de aula:

Antes de mais nada, algumas considerações de ordem geral sobre este tipo de atividades:

- A análise linguística que se pretende partirá não do texto ‘bem escrito’, do bom autor selecionado pelo ‘fazedor de livros didáticos’. Ao contrário, o ensino gramatical somente tem sentido para auxiliar o aluno. Por isso partirá do texto dele;
- a preparação das aulas de prática de análise linguística será a própria leitura dos textos produzidos pelos alunos nas aulas de produção de textos;
- Para cada aula de prática de análise linguística, o professor deverá selecionar apenas um problema. De nada adianta querermos enfrentar de uma vez todos os problemas que podem ocorrer num texto produzido por nosso aluno;
- fundamentalmente, a prática de análise linguística deve se caracterizar pela retomada do texto produzido na aula de produção (segunda-feira,

no horário proposto) para reescrevê-lo no aspecto tomado como tema da aula de análise;

- material necessário para as aulas de prática de análise linguística: os cadernos de redações; um caderno para anotações; dicionários e gramáticas;
- em geral, as atividades poderão ser em pequenos grupos ou em grande grupo;
- fundamenta essa prática o princípio: ‘partir do erro para a autocorreção’ (Geraldí, 2003, p. 57).

Considerando mais além dos pontos abordados, o autor enfatiza a distinção entre o aluno ter habilidades no uso da língua em situação concreta de uso e ter habilidades de analisar a língua pela metalinguagem, observando não só a língua, mas também suas características estruturais. Para Geraldí (2003), uma atividade bem elaborada dará a oportunidade de os alunos, ao trabalharem com AL, desenvolverem uma visão mais aprofundada do texto e, por sua vez, conseguirem determinar a intenção ideológica das escolhas linguísticas. Para o próprio autor, a AL não pode se limitar apenas em saber bem tais elementos mencionados (uso da língua e suas estruturas); é preciso que os estudantes entendam a real importância das reflexões sobre os fenômenos linguísticos presentes nos discursos.

Mantendo a mesma linha teórica citada, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecem que, a partir da reflexão sobre a língua, a AL é uma atividade de natureza reflexiva, fundamental para expandir a capacidade dos alunos em leitura e produção:

A análise linguística refere-se a atividades que se podem classificar em epilinguísticas (a reflexão está voltada para o uso, no próprio interior da atividade linguística em que se realiza) e metalinguísticas (um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos linguísticos). Ambas são atividades de reflexão sobre a língua, mas se diferenciam nos seus fins (Brasil, 1997, p. 30).

O referido texto destaca que a principal função da AL é justamente analisar a língua e propõe, para que isso ocorra, que seja necessário partir, no primeiro momento, da produção e interpretação de texto nas atividades escolares e, em seguida, após essa assimilação e consciência sobre a que o texto se refere (seus sentidos), o aluno deve prosseguir para quais elementos devem ser analisados. Sendo assim, é necessário seguir alguns pontos importantes contidos dentro do próprio documento:

As atividades de análise linguística são aquelas que tomam determinadas características da linguagem como objeto de reflexão. Essas atividades apoiam-se em dois fatores:

- a capacidade humana de refletir, analisar, pensar sobre os fatos e os fenômenos da linguagem; e
- a propriedade que a linguagem tem de poder referir-se a si mesma de falar sobre a própria linguagem (Brasil, 1997, p. 53).

Podemos ver que a AL “inclui questões amplas a propósito do texto” (Brasil, 1997, p. 54) numa perspectiva processual de construção e reflexão de como estudar a língua e sua funcionalidade, voltando-se para sua construção de sentido e seus usos linguísticos com o intuito de sempre desenvolver as habilidades nos eixos da leitura e produção de textos.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a estrutura da educação escolar procura atender a competência comunicativa para cada etapa escolar com o intuito de desenvolver todos os alunos. Acerca da AL, o texto estabelece que, no âmbito das práticas da linguagem, ela se desenvolve na oralidade e escrita, em seus sistemas de língua e norma-padrão, fazendo com que os alunos ampliem seus conhecimentos e capacidades no uso da língua/linguagem aprimorando suas práticas de reflexão para entender como o texto se desenvolve e também permitir que os estudantes construam a percepção de como se dão os efeitos de sentidos nas produções textuais. O documento destaca:

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido (Brasil, 2018, p. 76).

Nas linhas do documento, podemos encontrar quais habilidades o professor deve trabalhar com seus alunos no eixo da AL entendendo-a como uma prática de reflexão sobre a língua e seus diversos usos, formas. O professor, ao propor uma atividade, deve estar voltado para as habilidades que os educandos precisam desenvolver no momento de se trabalhar com leitura, escrita e AL. Entre as várias habilidades expressas, encontram-se as seguintes:

(EF12P11) Escrever, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, fotolegendas em notícias, manchetes e lides em notícias; álbum de fotos digital noticioso e notícias curtas para público infantil, digitais ou impressos, dentre outros gêneros do campo jornalístico, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. [...]

(EF02LP21) Explorar, com a mediação do professor, textos informativos de diferentes ambientes digitais de pesquisa, conhecendo suas possibilidades.

(EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura. (Brasil, 2018, p. 105-107).

Assim sendo, seguindo todas as orientações estabelecidas na BNCC, os alunos devem, em cada etapa do ensino escolar, atingir as habilidades necessárias para a devida construção do saber, expandindo seus horizontes educacionais, podendo, dessa forma, consolidar as práticas trabalhadas no campo de ensino.

Com base nos documentos oficiais da educação, portanto, o ensino de língua deve estar interligado com as questões sociais dos estudantes, e a prática da AL deve ser uma atividade vinculada à leitura e escrita de textos buscando obter um olhar crítico para os vários sentidos da língua. Para isso, o professor deve propiciar aos alunos os conhecimentos das várias funções da língua, bem como estimulá-los a desenvolverem suas habilidades de escrita, propondo a prática de produção textual e refletindo sobre o que está sendo lido e/ou criado.

3.1 Práticas de análise linguística no ensino de português

Sabendo da importância de se trabalhar com os educandos a prática da AL, Bezerra e Reinaldo (2020) explicam que a AL é um conceito terminológico específico da área, encontrado em textos acadêmicos, manuais de linguística e livros didáticos. Elas relatam que a própria criação dos documentos oficiais, aqui já citados, é influenciada pela repercussão dessa prática de AL, pois tais documentos também sugerem que, no ensino de língua portuguesa, haja essa reflexão dentro dos eixos de fala, escuta, leitura, escrita e da própria AL.

As autoras mencionam que, apesar de a gramática ser incluída na AL, essa análise é, de certo modo vaga e não seria o suficiente para um aprofundamento, mesmo que se faça necessário ter esse conhecimento. Apoiadas nos estudos de Geraldi (1984), elas destacam que a AL é uma prática alternativa de levar o aluno ao domínio escrita formal. Também mencionam que a forma que se trabalha a língua é uma questão metodológica, pois está no contexto de sala de aula, voltado principalmente para a reflexão da escrita. Isso é observado no seguinte trecho:

Nessa proposta, a reflexão epilinguística recebe maior destaque, pois é pensada pelo autor ‘como condição para a busca significativa de outras reflexões sobre a linguagem’ (Geraldi, 1993, p. 192), além do que fazem as gramáticas, consideradas na época, como insuficientes para orientar as reflexões no interior das configurações textuais historicamente constituídas. Com esse tipo de reflexão, o autor instaurou nova orientação metodológica, elegendo o texto como unidade de ensino nas aulas de língua, com o objetivo de conduzir o aluno a entender o que lia e de escrever textos significativos:

observando o princípio fundamental de partir do erro para a autocorreção, o autor sugere a focalização de apenas um problema relevante, de cada vez, para ser reescrito pelo aprendiz com a orientação do professor. Assim a prática de análise linguística propicia aos alunos, por exemplo, no momento da leitura, compararem textos e refletirem sobre adequação linguística, sobre os efeitos de sentidos no texto, procurando compreender e se apropriar das alternativas que a língua lhes oferece para a sua comunicação, constituições (Bezerra; Reinaldo, 2020, p. 46-47).

Percebemos que o contexto de ensino pode ser descrito como fios que se entrelaçam. Cada um desses fios contribui para a formação dos estudantes. O ensino de língua vai bem além do conhecimento linguístico, ele está fortemente ligado com as questões sociais, culturais dos estudantes. Outro ponto que o professor precisa sempre lembrar é que não basta só ensinar a norma culta aos seus alunos, apesar de ser muito importante o seu domínio. Os alunos precisam ter consciência dos vários sentidos que um texto pode trazer e saber refletir sobre eles.

Consideramos, então, após os estudos mencionados, que uma atividade pedagógica voltada para a AL deve ser desenvolvida em atividades epilinguísticas (pensando no uso da língua e exploração dos recursos linguísticos utilizados para a comunicação) e metalinguísticas (correspondentes à descrição dos elementos linguísticos). Com isso, os estudantes poderão perceber como a língua e seus fenômenos linguísticos estudados são construídos. Novamente, Bezerra e Reinaldo (2020) propõem:

Propomos, para professores de Língua Portuguesa em formação, uma análise linguística voltada para o estudo do funcionamento linguístico-textual e enunciativo de gênero (REINALDO e BEZERRA, 2012), contemplando os níveis sequencial-composicional (estrutura linear do texto, que envolve as sequências que compõem seu plano); enunciativo (responsabilidade enunciativa que compõem as vozes do texto); semântico (representação discursivas e conexões que remetem ao conteúdo referencial do texto); e argumentativo (atos de discurso e sua contribuição para a orientação argumentativa do texto), presentes em toda e qualquer sequência textual (textos descritivos, o nível argumentativo é visto na sua orientação argumentativa) (Bezerra; Reinaldo, 2020, p. 89).

A capacidade de refletir sobre a linguagem e seus recursos linguísticos abre margem para compreender o uso de determinado fato linguístico escolhido no momento da escrita textual, que pode gerar vários efeitos de sentido. Quando o professor for propor uma atividade de AL, é necessário que ele oriente os alunos para os fatores de maior relevância para a construção de sentidos. Tais fatores podem ser tanto recursos linguísticos como as figuras de linguagem (metáforas, antítese, etc.), as quais são utilizadas para trazer expressividade ao texto, como também as próprias classes de palavras (advérbios, verbos, conectores, etc.).

A observação dos recursos não verbais também é importante na construção dos sentidos dentro de um texto, pois neles podem estar contidas as implicitudes utilizadas sutilmente pelos escritores. A imagem dentro de um texto pode assumir um papel de oposição daquilo que está escrito. É uma forma de expressar um pensamento contrário ou a favor do próprio autor. Encontramos esse recurso geralmente em reportagens. A estratégia das escolhas linguísticas também denuncia um viés ideológico. Entender que o texto está carregado de sentidos é primordial para um amadurecimento dos estudantes nos eixos de leitura e escrita.

Reconhecemos, assim, a importância de expandir as habilidades dos alunos, na hora de propormos uma atividade, seja ela de leitura, produção textual ou AL, para entenderem que o processo de tais atividades não está preso ao texto oral/escrito no papel. É preciso observar para além do texto, ler e entender todos esses recursos: escolhas linguísticas, ideologias presentes, múltiplos sentidos, etc. Isso faz com que o leitor estudante, além de ampliar seus conhecimentos educacionais, também desenvolva uma reflexão sobre o que ele está criando, lendo e/ou analisando.

3.2 Análise do texto jornalístico

Sabemos que todos os dias surgem uma gama de informações a todo instante, e, dentro destes contextos comunicativos, perpassados pelas diversas plataformas de comunicação, encontramos os textos jornalísticos, sendo estes textos principalmente informativos, os quais têm por principal objetivo trazer informações diversificadas a depender do contexto e temas escolhidos. Com o avanço da tecnologia, a propagação das notícias foi se expandindo rapidamente, e o público mais jovem é o que mais acompanha esse crescimento. Portanto, trabalhar com textos jornalísticos é uma maneira eficiente de envolver os alunos nas práticas de leitura e escrita em atividades que permeiam os contextos sociais, pois os próprios alunos estão inseridos nesse meio comunicativo.

Também é relevante conhecer as características presentes no texto jornalístico. Para Bueno (2011), a reportagem, por exemplo, é um gênero da mídia impressa e pode variar de acordo com o veículo, o público e o assunto abordado, como ocorre com o texto jornalístico em geral. A autora utiliza os estudos de Faria e Zanchetta Jr. (2002) e Lage (1993) para trazer as características do texto jornalístico reportagem:

Assim, entre as características de reportagem, segundo os autores, encontramos:

- causas e efeitos do caso ocorrido;
- detalhamento do fato;
- soma de versões;
- engendramento de informações;
- indícios claros de personalização;
- narrativa, com inquérito e entrevista;
- fixação de uma notícia: criando raízes e galhos desta;
- retrato a partir do ângulo pessoal (Bueno, 2011, p. 94).

Essa é a estrutura básica das reportagens, mas elas podem apresentar variações que dependem da escolha de quem a escreve. Tais escolhas podem ser as seguintes: pirâmide invertida (as informações podem vir em ordem crescente ou decrescente), pirâmide normal (reportagem cronológica contendo o início narrativo até chegar o clímax) e modelo misto (a mistura dos dois últimos pontos mencionados). No texto jornalístico da reportagem, os personagens podem ser apresentados de tais formas:

- Apresentação explícita: o repórter traça determinado retrato do personagem.
- Apresentação implícita: o personagem mostra-se por suas palavras e ações.
- Apresentação do indivíduo: o interesse recai sobre as atitudes do entrevistado.
- Apresentação do tipo: predomínio da característica que dá fama ao personagem.
- Apresentação caricatura: exagero de traços da personagem, deformando-os. (Bueno, 2011, p. 95-96).

Bueno (2011), ao elencar as principais características da reportagem, seguindo a linha teórica dos estudiosos Faria e Zanchetta Jr. (2002), tem o intuito de ajudar o aluno na compreensão de como o texto jornalístico da reportagem é construído e assim buscar a melhor compreensão destes alunos na hora da leitura e criação textual.

No que diz respeito à notícia, também há características próprias em sua escrita. Bueno (2011) utiliza os estudos de Amaral (1969), cujos ensinamentos teóricos estão voltados para os conhecimentos sobre como são atribuídas tais técnicas no referido gênero textual. A autora explica que a notícia tem atributos fundamentais, como estes:

- Atualidade
- Veracidade
- Interesse humano (a notícia deve prender a atenção do leitor)
- Amplo raio de influência (ela deve despertar interesse em uma grande área)
- Raridade (deve apresentar algo novo)
- Curiosidade
- Proximidade do leitor (Bueno, 2011, p. 110).

A notícia tem uma estrutura a ser seguida e sempre começa pelo lide, o qual precisa conter sucintamente o assunto, seguido do clímax da história. A estrutura da notícia também pode ter a pirâmide invertida, em sua ordem decrescente dos fatos.

Sobre a linguagem jornalística, Amaral (1969) e Lustosa (1996) citam as características que uma boa redação jornalística deve conter: a) orações breves; b) palavras curtas; c) preferência pelo vocábulo usual; d) utilização do estilo direto; e) usos de termos e expressões relacionadas com os seres humanos, suas características e qualidades; f) uso adequado dos adjetivos; e g) verbos vigorosos de ação, sempre na forma ativa.

Já em Lustosa (1996), encontramos outros aspectos da linguagem: a) objetividade (o redator deve narrar primeiro o fato principal); b) clareza (o jornalista só deve falar sobre o que sabe); c) concisão (o redator deve ser direto e econômico no uso das palavras); e d) precisão (o jornalista deve procurar manter-se atento às informações que dá para não fazer um texto incoerente).

Resumidamente, tanto a reportagem quanto a notícia são exemplos de textos jornalísticos usados como veículos de comunicação, cada um com suas especificidades e finalidades. A notícia está voltada para informação sobre acontecimentos recentes e relevantes, tendo por objetivo informar aos leitores sobre fatos de cunho social. A reportagem, apesar de também ter o viés informativo, tem um teor opinativo sobre aquilo que está sendo dito.

Frente a essa distinção, surge o tema sobre o que seria fato e opinião. Segundo Zipser e Polchlopek (2009), o fato está vinculado a algum acontecimento dentro de uma abordagem noticiosa, estando ele ligado às várias esferas sociais, políticas econômicas, etc. Ou seja, o fato nada mais é do que um acontecimento e está presente nas reportagens e nas notícias. Segundo Beltrão (1980), a opinião consiste no ato de opinar sobre alguma coisa. No meio de textos jornalísticos, a opinião pode ser do editor, do jornalista ou do leitor. Com essas informações, podemos diferenciar o que é fato e o que é uma opinião, para, nas atividades, encontrarmos esse recurso opinativo e identificarmos com mais facilidade.

4 APLICAÇÃO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS

Nesta seção, vamos explicar como foram aplicadas as três etapas da oficina e apresentar quais materiais e atividades foram utilizados no decorrer de todo o processo. Iremos detalhar e refletir como os sujeitos da pesquisa analisaram linguisticamente cada uma dessas atividades.

O primeiro contato com os sujeitos se deu na data de 11 de julho de 2022. As aulas foram nas terças e quartas para o 1º Ano A e nas terças e sextas para o 1º Ano B. A primeira semana foi destinada apenas para a observação do campo de pesquisa e dos sujeitos envolvidos. Iniciamos de tal forma para que os alunos pudessem se acostumar com outra pessoa (professora estagiária/pesquisadora) no seu ambiente escolar e também para que pudessem observar como os estudantes interagiram nesse contexto de ensino. Tal observação nos permitiu refletir sobre qual seria a melhor intervenção pedagógica para cada perfil de turma. Já nas primeiras aulas de observação, percebemos que os alunos estavam bem confortáveis com a nossa presença. Todos foram bem receptivos e comunicativos.

4.1 Oficina 1

Esta oficina aconteceu do dia 11 ao dia 15 de julho de 2022, nas duas turmas. O tema trabalhado foi o gênero textual notícia. Inicialmente, apresentamos o tema utilizando o quadro para a exposição. Logo fizemos a primeira investigação: quais conhecimentos prévios os estudantes já tinham sobre o assunto? Para isso, entregamos aos alunos uma atividade diagnóstica contendo quatro perguntas, solicitando que cada um respondesse de acordo com o que eles já tinham de conhecimento. Mais à frente apresentaremos o modelo da atividade entregue aos educandos.

Logo em seguida, ao terminarem a atividade, solicitamos que os alunos participassem oralmente falando, com suas próprias palavras, o que eles entendiam sobre o assunto. Nesse momento, começamos a escrever palavras-chave ditas pelos alunos para que, no final da participação de todos, eles lessem e chegassem a uma primeira conclusão sobre o possível tema. Nas duas turmas, a participação oral se deu pela grande maioria. Após o uso das palavras-chave, iniciamos as explicações sobre o que seria jornalismo.

A partir daí, começamos a explorar seus conceitos e formas estruturais contidas na criação dos textos jornalísticos. Para obter tais informações acerca desses pontos, utilizamos o livro didático disponibilizado pela própria instituição de ensino e adotado pela professora supervisora: *Se liga nas linguagens: Português*, dos autores Wilton Orundo e Cristiane

Siniscalchi (utilizamos as páginas 269 a 274). Em concordância com os alunos, adotamos a forma de mapas didáticos contendo as informações mais relevantes sobre o assunto discutido. A escolha dessa metodologia facilitou tanto para a professora/pesquisadora em relação à otimização do tempo, já que eram apenas duas aulas de quarenta e cinco minutos para cada dia, quanto para os alunos, que preferiam não escrever tanto para prestar mais atenção nas explicações.

Após as explicações sobre o que é um texto jornalístico (notícia) e as discussões coletivas levantadas sobre o tema, apresentamos o primeiro exemplo de texto, em anexo, pois os alunos já tinham lido os exemplos contidos no livro. Foi entregue, para cada aluno, uma folha impressa, contendo a capa de um jornal chamado *A União*, o qual circulou nas bilheterias da capital João Pessoa (PB) na data de 19 de agosto de 2021. O tema central abordado pelo jornal foi “PB planeja um ‘Dia D’ para aplicar a 2ª dose contra a covid”. Nos detivemos apenas às informações iniciais da primeira página do jornal: título e subtítulo, meio de circulação, relevância social, fatos reais etc. A capa é reproduzida na Figura 1, a seguir:

Figura 1 - Excerto da capa do jornal “A união” de JP



Fonte: G1 (2022).

Logo em seguida, entregamos a notícia referente ao assunto da capa do jornal e solicitamos que os alunos iniciassem uma leitura silenciosa observando como o jornal apresentava as informações, qual era pauta em destaque, quais recursos verbais e visuais estavam contidos na informação, quem escreveu as informações, quando foi escrito, onde os fatos ocorreram, como estavam sendo ditas as notícias, para quem estava sendo dito, por que de ser dita tal notícia. Os alunos foram lendo e anotando cada informação que foram identificando na capa e no texto do jornal. Na sequência, lemos coletivamente e, em seguida, perguntamos quais informações eles poderiam ter com essa leitura. Com isso, fomos fechando as informações sobre o que é um texto jornalístico e como se faz.

Já no final das discussões acerca da notícia e de como ela é apresentada nos meios comunicativos, trabalhamos com os alunos o sentido de texto jornalístico noticioso e opinativo. Para trazermos uma reflexão sobre os dois conceitos, utilizamos os estudos do teórico Beltrão, o qual fala que o texto noticioso é puramente a notícia da forma que ela está sendo passada adiante. Nela não identificamos opiniões explícitas. O intuito de um texto noticioso é apresentar a notícia simples, clara e objetiva. No que se refere ao texto opinativo, podemos perceber os traços de personalidade de quem o escreveu, o editor. Observam-se tais traços opinativos a partir das seleções das informações, pela relevância dada a determinado fato expresso na notícia, pelos títulos, fotografias, etc.

Na imagem apresentada, inicialmente, podemos detectar em fonte grande o nome do veículo de divulgação das notícias: *A União*. Logo abaixo, temos o título central “PB planeja um ‘dia D’ para aplicar a segunda dose contra a covid”, que sobressai entre os demais expressos na capa. Nesse momento, o leitor desse veículo comunicativo entende que, apesar de terem outras notícias, a mais importante para o jornal é a que está em destaque. Logo depois do título, temos o seguinte texto: “Mais de 500 mil estão com a vacina atrasada e 43 cidades têm menos de 40% dos habitantes com esquema vacinal completo”. Ao analisarmos linguisticamente essa informação, percebemos que é um dado estatístico usado para informar ao leitor como anda o processo de vacinação contra a Covid-19.

Dando continuidade às análises das notícias, foi entregue outra notícia para os alunos. O objetivo esperado era que eles conseguissem analisar sozinhos, sem a intervenção da professora, as informações contidas na notícia. Após todos os alunos receberem a notícia, foram dados uns minutos para lerem e refletirem sobre o que estavam lendo para, então, identificarem as questões estruturais presentes no texto. Observe esse texto na Figura 2, a seguir:

Figura 2 - Excerto da notícia do jornal G1

O que se sabe sobre o assassinato de petista morto por apoiador de Bolsonaro no Paraná

Marcelo Arruda foi morto em Foz do Iguaçu durante a própria festa de aniversário de 50 anos; Segundo Polícia Civil, atirador fazia parte da diretoria da associação onde a celebração era realizada

Por g1 11/07/2022 00h00 Atualizado há 2 horas



Marcelo Arruda era tesoureiro do PT em Foz do Iguaçu — Foto: Arquivo pessoal

No último fim de semana, o guarda municipal e tesoureiro do PT Marcelo Aloiio de Arruda, de 50 anos, morreu após ser baleado durante sua festa de aniversário em Foz do Iguaçu, no oeste do Paraná.

Os disparos que mataram Arruda foram feitos pelo **policia penal federal Jorge José da Rocha Guaranho**, que também foi ferido pelo guarda municipal durante a troca de tiros. Guaranho é apoiador do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Como o crime aconteceu?

Segundo relatos de testemunhas e registro de câmera de segurança, Guaranho apareceu no local da festa pela primeira vez por volta das 23 horas. Ele estava de carro, acompanhado de uma mulher e um bebê.

O policial penal, então, de dentro do veículo, teria apontado sua arma para fora enquanto gritava palavras de apoio a Bolsonaro e ameaçava o aniversariante e seus convidados.

A mulher que acompanhava Guaranho, segundo relatos, teria pedido para ele parar e ir embora. Depois disso, o atirador chegou a dizer que voltaria e mataria "todos vocês, seus desgraçados". Ela tentou impedir os tiros, mas não conseguiu.

Fonte: G1 (2022).

O excerto da notícia traz o discurso sobre um assassinato cometido por um apoiador de Bolsonaro a um eleitor petista no estado do Paraná. Inicialmente os alunos leram a notícia e, no momento de análise sobre o que estava sendo lido, os estudantes afirmaram que era apenas de um relato sobre um assassinato. Esclarecemos o equívoco e prosseguimos com a análise linguística, a começar pelo título da notícia: “O que se sabe sobre o assassinato de petista morto por apoiador de Bolsonaro no Paraná”. Mediamos os seguintes questionamentos: por que os nomes próprios dos envolvidos (Marcelo Arruda e Jorge Guaranho) são substituídos no título pelos seguintes sintagmas nominais: “o assassinato **de petista**” e “apoiador **de Bolsonaro**”? O que essa substituição provoca no sujeito leitor? O que a imagem reflete sobre a notícia?

Sobre o primeiro questionamento, os estudantes não souberam responder efetivamente a respeito da substituição dos nomes. Tentando construir juntamente com eles é que explicamos procedimentos da nominalização de verbos e adjetivos em textos escritos, que servem para

expressar interpretações e avaliações sobre as escolhas do ato da fala. Para responder ao segundo questionamento, os alunos falaram que percebiam uma implicitude que levava o leitor a não propriamente refletir sobre o assassinato de imediato, mas pensar nas rixas políticas. Mediando as discussões, observamos que o contexto político estava mais fortemente presente do que o contexto criminal, que passou a ficar em segundo plano. Ao responderem sobre os efeitos de sentido provocados pela imagem utilizada na notícia, os alunos concluíram que a notícia posta dessa forma leva a entender que a morte de Marcelo Aloizio foi motivada por perseguição política. Essa reflexão se deu pela escolha da foto da vítima acompanhada de uma figura política. Pensando nessas falas proferidas pelos alunos, associamos os estudos de Mendonça (2019) sobre os jogos de sentidos contidos nos textos jornalísticos e os estudos de Beltrão (1980), cujos ensinamentos mencionam que a opinião do editor de textos jornalísticos é percebida através das escolhas dos títulos, fotografias, etc. A partir de tal análise linguística, usando apenas dois aspectos da notícia, título e imagem, conseguimos identificar e confirmar o valor ideológico expresso pelo editor da notícia.

4.2 Oficina 2

A segunda etapa da oficina foi do dia 18 até o dia 22 de julho de 2022. Trabalhamos com os textos de uma reportagem observando os seguintes pontos: estrutura, linguagem, recursos visuais, autoria, etc. Nesse momento, os alunos já dispunham dos conhecimentos necessários para ler e identificar as diferenças entre uma notícia e uma reportagem. Para dar continuidade aos estudos, abordamos o tema da parcialidade nos textos jornalísticos. Indagamos aos estudantes qual seria o sentido de tal palavra e, juntos, chegamos à conclusão de que o sentido de parcialidade é o ato de tomar partido, ser favorável ou não por alguma informação.

Continuando, trabalhamos primeiramente com o eixo da leitura. Os alunos leram e marcaram os pontos centrais que caracterizam o texto como uma reportagem. Logo após isso, fizemos uma leitura coletiva. Os alunos foram compartilhando os pontos que conseguiram identificar. Usamos, além dos exemplos de reportagens contidas no livro didático dos alunos, outras reportagens, que levamos impressas, contendo textos curtos que abordavam tanto textos verbais quanto os não verbais para identificarmos os jogos de sentidos obtidos pelas escolhas das imagens. Decidimos usar as reportagens em forma de quadrinho, pois achamos que, de tal forma, os alunos ficariam mais envolvidos nas análises por serem mais curtos e com imagens em formato de caricaturas. A primeira reportagem foi criada por dois jornalistas, Amanda Ribeiro (Folha de São Paulo) e Luiz Fernando Menezes (Aos Fatos) pela editora Draco. Como

já havíamos analisado uma reportagem mais longa no livro didático, nos detivemos a coletar as informações das reportagens curtas para consolidarmos o conhecimento adquirido ao longo das duas etapas da oficina. O objetivo central dessa análise linguística feita pelos alunos era fazê-los identificar tanto os jogos de sentido quanto às possíveis parcialidades no discurso jornalístico. Vejamos a primeira reportagem analisada:

Figura 3 - Excerto da reportagem da PM



Fonte: *Site maisqinerds.com*

O excerto é uma reportagem sobre a vida policial. Com relação à análise linguística da reportagem, logo no início, identificamos a autoria da reportagem. Nem sempre as reportagens vêm com os nomes de quem as escreveu, mas nada impede que o autor da reportagem se identifique. Já no título da reportagem, “SOCORRO! POLÍCIA!”, foram utilizados uma interjeição, com o intuito de chamar a atenção, e um substantivo, para especificar de quem se fala.

Podemos identificar o sentido de ambiguidade do discurso. Ou seja, a forma que foi escrita usando primeiro a palavra “SOCORRO” para depois apresentar a palavra “POLÍCIA”

desperta no leitor dois caminhos possíveis: a voz de quem chama está pedindo ajuda à figura policial ou o pedido de socorro é justamente por estar com medo da polícia. Esse foi o primeiro ponto abrangido para que os alunos refletissem como a escolha de duas palavras pode gerar duplo sentido na interpretação enunciativa. Os alunos logo associaram o jogo de sentido para a segunda hipótese: “o pedido de socorro é justamente por estar com medo da polícia”, pois associaram o texto verbal escrito com o texto não verbal: a imagem da polícia com a arma na cabeça. A grande maioria dos alunos adotaram a perspectiva de que a polícia foi a responsável pela expressão de espanto “SOCORRO”. As duas turmas concluíram que o recurso da ambiguidade causa dois efeitos de sentido: um positivo, quando vemos a figura policial como protetora da sociedade, e outro negativo, quando a sociedade é vítima dos excessos de poder aos é submetida pela mesma força policial.

Para a conclusão da breve análise linguística, partimos para analisar o último texto verbal contido no quadrinho expresso da seguinte forma: “Por que há pessoas que não se sentem seguras perto de um policial fardado?”. O questionamento exposto ao lado da imagem não verbal enfatiza a posição ideológica, com uma visão negativa e denunciativa perante a figura policial, de quem a escreveu. A locução “POR QUE” gera um efeito de indagação e questionamento sobre determinado fato, o que induz o leitor a trazer para tal reflexão o chamado “JUÍZO DE VALOR” em busca de tentar responder ao que se pede. O advérbio de negação “NÃO” sustenta essa tese de que a figura da polícia está mais voltada para o negativo. Os autores assumem assim um posicionamento (parcialidade) de caráter denunciativo e reflexivo para os leitores da grande cidade de São Paulo.

A segunda reportagem analisada pelos alunos também tem uma grande importância social, como vemos na Figura 4, a seguir:

Figura 4 - Excerto da reportagem da CAIXA



Fonte: G1 (2022).

Ao ser entregue a reportagem, solicitamos que os alunos começassem as suas análises. Para isso, disponibilizamos alguns minutos antes de iniciarmos outra discussão coletiva. Passado o tempo, dividimos as análises em duas etapas: a primeira referente aos textos verbais, e a segunda, aos não verbais.

Analisando as escolhas dos temas abordados nas reportagens, fica percebido que assuntos mais “polêmicos” envolvem um maior número de estudantes nos debates e nas análises. A escolha por textos mais dinâmicos também contribui para uma melhor aceitação dos alunos. Hoje, com os avanços tecnológicos, os educandos têm acesso diário a várias informações acerca de vários temas, e isso reflete em seus discursos em sala de aula. Outro ponto importante e que deve ser levado em conta por nós professores é que, com o passar das décadas, a escrita tem se transformado principalmente entre os jovens. Eles, que vivem escrevendo em suas redes sociais, estão acostumados a falar muito com poucas palavras. Ou seja, em textos mais longos, percebemos pouco interesse tanto no eixo da leitura quanto no eixo da interpretação e análise linguística. Ao utilizar reportagens mais curtas, a resposta dos alunos foi bem mais positiva e participativa.

Partindo propriamente para a análise linguística do excerto em anexo da caixa, solicitamos que os alunos analisassem inicialmente o texto verbal. Ao fazerem a leitura do texto situado na parte superior da reportagem, “Toda a população migrante e refugiada tem direito ao auxílio emergencial”, os alunos afirmaram que era apenas uma construção frasal informativa escrita na forma direta: sujeito/verbo/complemento. Já na segunda parte do texto, localizada na parte inferior da reportagem, “Entretanto, o que se verifica na prática é uma série de impedimentos burocráticos”, os alunos destacaram que tal oração se opõe à primeira anteriormente lida. Ao questioná-los sobre como eles perceberam esse traço opositivo, os mesmos destacaram a palavra “Entretanto”, pois era uma conjunção adversativa que exprime oposição a algo já mencionado, e que, no trecho “impedimentos burocráticos”, havia traços contraditórios ao termo “tem direito”. Os sujeitos pesquisados interpretaram que o editor de reportagem, ao escrevê-la, usou jogos de sentidos opostos nos termos: “tem direito” (quem tem direito, tem direito a algo/algum coisa) e “impedimentos burocráticos” (quem é impedido é impedido de alguma coisa). Logo, eles perceberam o posicionamento ideológico do sujeito escritor ao usar as palavras para se contrapor ao que o estabelecimento em questão, “CAIXA”, afirmava sobre os direitos dos migrantes e refugiados.

Seguindo com as análises linguísticas, a segunda e última parte analisada foi o texto não verbal. Questionados sobre as relações de sentido, os alunos associaram o texto escrito com a imagem ilustrativa. Eles observaram que a fila contendo as pessoas representa os termos “migrantes e refugiados” e “tem direitos”, pois todos que estão ali para entrar no recinto da “CAIXA” buscam alguma coisa. Já a figura do segurança na porta de entrada do estabelecimento é a representação do termo “impedimentos burocráticos”. A mão esquerda do segurança levantada para próximo da mulher representa o comando de “parar”, “não ir além”. Percebemos que, com cada atividade de AL, os alunos tinham mais facilidade e rapidez em suas respostas. Para além das estruturas analíticas, os textos jornalísticos analisados serviram como ponto de reflexão sobre as notícias e reportagens lidas todos os dias e como cada texto está carregado de impressões ideológicas e partidárias. Isso nos faz refletir, enquanto sujeitos pesquisadores, a real importância de entendermos aquilo que estamos lendo e, enquanto sujeitos docentes, refletirmos sobre a nossa responsabilidade de mediarmos tais práticas reflexivas e analíticas aos nossos alunos.

4.3 Oficina 3

A terceira e última etapa da oficina ocorreu entre 25 e 29 de julho de 2022. Nas atividades finais da oficina, verificamos que os alunos já tinham um aparato teórico adequado para continuar as análises dos textos jornalísticos. Antes de apresentar a última atividade de análise, decidimos fazer uma breve revisão conceitual dos pontos trabalhados (textos jornalísticos, jornalismo opinativo e noticioso, parcialidade, notícia e reportagem, jogos de sentidos, estruturas textuais). A revisão teve dois objetivos: averiguar como ficou consolidado todo o processo de aprendizagem dos sujeitos e identificar possíveis dificuldades em algum dos temas para tentarmos juntos corrigir alguma falha e desenvolver um bom aproveitamento daquilo que foi estudado. Todos os alunos participaram da revisão oral. Solicitamos que eles formassem grupos de no máximo cinco pessoas e, para cada grupo, foi feita uma única pergunta sobre algum tema estudado. Os alunos teriam que formular um pequeno conceito sobre seu tema e tentar explicar para todos da turma. Nas duas turmas, não houve dificuldades significativas. Os erros mais comuns eram na parte estrutural entre os textos da notícia e da reportagem. Subsequente a esse momento de revisão, entregamos a última reportagem em quadrinho para eles analisarem, conforme Figura 5, a seguir:

Figura 5 - Excerto da reportagem sobre migrantes



Fonte: sindipetrosp.org.br

Como eles já haviam analisado outras reportagens, solicitamos apenas que cada grupo realizasse a atividade com seus conhecimentos. Optamos por não intervir durante as falas para darmos autonomia aos estudantes sobre suas análises. Nos detivemos a pontuar algo, se assim fosse necessário, no final de cada apresentação das análises.

Os alunos mantiveram a sequência analítica: texto verbal e texto não verbal. No trecho “Hoje eu atendo 52 famílias do meu país de origem, a Angola”, os estudantes apontaram uma narração da fala de um sujeito, sem identificação, o qual foi entrevistado. Classificaram essa fala transcrita como discurso direto, obedecendo a sequência SVC (sujeito/ verbo/ complemento) e como sendo uma frase declarativa afirmativa. Para identificarmos esse tipo de frase, observamos se aquilo que está sendo dito é fato constatado pelo emissor. Observamos também o sinal de pontuação (ponto final).

Terminadas todas as atividades, entregamos para os alunos a mesma atividade diagnóstica aplicada no início da oficina 1. Foi solicitado que todos respondessem novamente ao questionário para que suas respostas fossem comparadas. O motivo pelo qual resolvemos aplicar novamente a atividade diagnóstica foi entender como os alunos assimilaram os conteúdos ministrados nas três oficinas e se as respostas iniciais e finais tinham uma grande margem de diferença. Outro motivo para tal atividade foi buscar entender se as práticas de ensino, as intervenções e os materiais didáticos utilizados em sala de aula alcançaram a consolidação dos conhecimentos sobre os temas trabalhados.

Sobre as práticas pedagógicas, a utilização de textos jornalísticos curtos como as reportagens em quadrinhos mostrou-se bastante produtiva, pois os alunos interagiram melhor com textos multissemióticos (linguagem verbal e visual). Obtivemos um aproveitamento participativo de no máximo 90% na turma A e de 70% na turma B.

Quanto às discussões sobre os efeitos de sentidos encontrados nos enunciados, bem como a parcialidade presente nos textos jornalísticos, as duas turmas conseguiram identificar, após as discussões teóricas, esses pontos nos textos lidos em sala de aula. A maioria apontou que percebeu isso nos textos das reportagens. Ou seja, 80% dos alunos acreditam que, nos textos das notícias, não há parcialidade. Para eles, as notícias têm apenas um cunho informativo, mas vimos que a notícia do “petista assassinado” assumia um teor ideológico.

Analisando todas as atividades propostas nas oficinas, observamos pontos positivos e negativos. Os pontos positivos foram a evolução dos alunos durante as leituras. Os estudantes, após os conhecimentos teóricos apresentados, tiveram maior facilidade de pontuar os elementos constitutivos dos textos jornalísticos. Percebemos uma maior evolução na turma A. Tal

evolução se deu pelo fato que a turma A estava mais concentrada nas horas das explicações e das atividades. Já na turma B, os alunos estavam mais dispersos devido ao alto teor de conversas paralelas aos assuntos estudados e ao uso dos celulares em sala de aula. Numa tentativa de sanar esse problema, resolvemos, na turma B, aumentar a participação dos alunos nas leituras dos textos, pois assim eles liam com maior atenção.

Em relação às leituras, as duas turmas mostraram-se participativas. Já nos debates sobre as análises dos textos lidos, o aproveitamento se deu melhor para a turma A. A turma B, por estar mais dispersa, não alcançou o aproveitamento esperado. Comparando o desenvolvimento das duas turmas, percebemos que, na turma em que há maior ocorrência de conversas que fogem do tema, as informações adquiridas nas oficinas não ficam bem consolidadas, pois os alunos não conseguem prestar atenção nas explicações, o que reflete negativamente em suas habilidades. Já na turma com maior concentração, os aproveitamentos foram mais significativos.

Destacamos, então, o comparativo das atividades iniciais e finais, a partir da atividade diagnóstica do primeiro encontro, reproduzida na Figura 6:

Figura 6 - Trecho da primeira atividade diagnóstica

Aluno: _____
 série: 1ª Anos
 Data: _____

- 1-) O que você entende por texto jornalístico?
- 2-) Qual o significado da palavra "Notícia"?
- 3-) Qual a diferença entre notícia e reportagem?
- 4-) Como você vê as diferenças entre jornalismo noticioso e opinativo?
- 5-) O que você entende por parcialidade em textos jornalísticos?

Observações: Para cada resposta, utilize três linhas no máximo. Justifique a sua resposta com base no seu conhecimento prévio sobre o assunto e/ou no que foi estudado e traga exemplos, se necessário.

1- Eu entendo que são textos vinculados pelos jornais, revistas, rádios e televisões.

2- Significa para mim uma informação

3- A diferença é que uma notícia pode ser transmitida tanto pela tv quanto pelos jornais, revistas etc. Ao contrário da reportagem que só pode ser transmitida pela tv.

4- É que o opinativo todos dão opinião for a notícia não

5- Entendo que a opinião do autor interfere no ponto de vista do texto.

Fonte: acervo da pesquisa (2022).

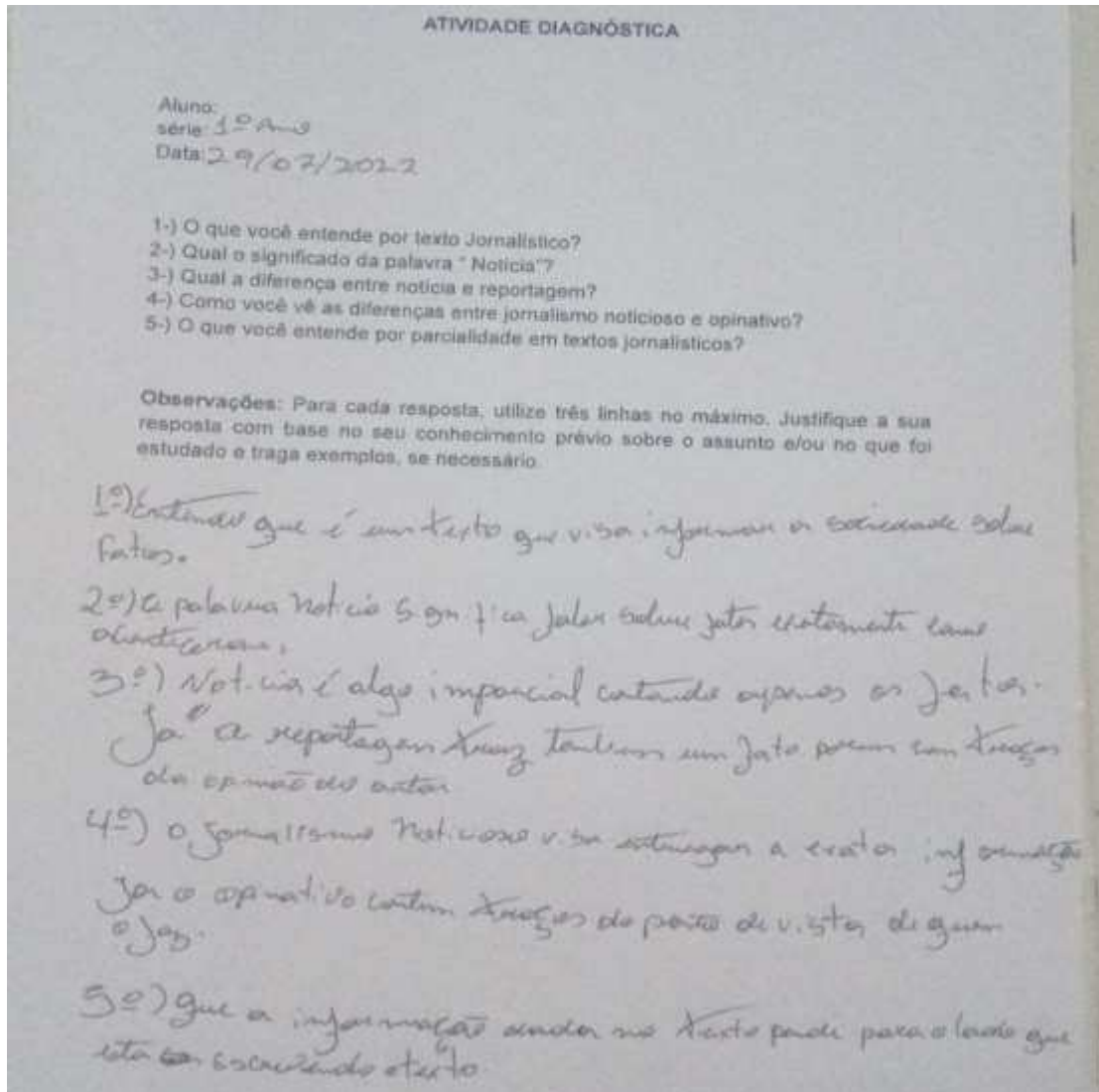
A escolha desse trecho se deu pela semelhança de resposta entre as demais atividades diagnósticas entregues na oficina 1. Nas respostas obtidas na atividade, percebemos que os alunos entendem que os textos jornalísticos podem circular nas diversas plataformas de comunicação. Também entendem sobre o significado da palavra “notícia” ao relatarem, em sua maioria, ser uma informação. A única divergência dos alunos com relação ao sentido da notícia é acharem que a informação trazida na notícia poucas pessoas sabem. No ponto 3, vemos que os alunos têm uma confusão ao responder. Os alunos acreditam que as notícias abrangem uma maior quantidade de meios de circulação, mas a reportagem só é divulgada pela TV. Já no ponto 4, sobre a distinção entre jornalismo noticioso e opinativo, observamos que os estudantes estabelecem essa conexão entre noticioso, que tem a função de informar algo, e o opinativo, que ao mesmo tempo informa e traz as opiniões de quem está falando/escrevendo.

Os alunos, em suas respostas iniciais, apontam que o jornalismo noticioso trata de fatos concretos, ou seja, algo já constatado. Os alunos estabelecem para a notícia o tempo verbal do pretérito perfeito. Para as reportagens, eles remetem ao tempo verbal do presente do indicativo. Entendem que os fatos retratados nas reportagens estão acontecendo no presente momento, o que se difere das notícias que para eles são informações que já aconteceram.

Dando prosseguimento à análise das respostas, o último item respondido sobre parcialidade em textos jornalísticos (5), o sujeito da pesquisa fala que está relacionado ao ponto de vista do texto. Os demais alunos se assemelham com essa mesma resposta trocando apenas, em alguns casos, a palavra “texto” por “autor” ou “escritor” ou “editor”. Foi percebido que, apesar de as respostas da atividade diagnóstica serem apenas com os conhecimentos prévios dos estudantes, elas não foram tão distantes do esperado para o início das oficinas.

Em seguida, fizemos o comparativo das respostas do mesmo sujeito pesquisado da primeira atividade, com reprodução das respostas encontrada na Figura 7, a seguir:

Figura 7- Trecho da última atividade diagnóstica



Fonte: acervo da pesquisa (2022).

Analisando o seguinte trecho das respostas finais, após as três oficinas, podemos verificar os seguintes pontos:

(1) Temos uma resposta bem parecida da inicial. Os sujeitos pesquisados continuam achando que os textos jornalísticos servem para informar algo socialmente.

(2) Temos uma continuação do pensamento sobre o significado da palavra “notícia”, mas agora trazendo uma afirmativa: as notícias relatam fatos exatamente como aconteceram. Ou seja, sem nenhuma mudança dos acontecimentos.

(3) Temos uma evolução significativa sobre o conceito de notícia e reportagem. Os estudantes ampliaram seus conhecimentos ao relatarem que a notícia é algo imparcial, usada apenas para relatar um fato, e que a reportagem contém, além de um viés comunicativo, um

teor opinativo sobre aquilo que está sendo relatado. Nesse ponto vemos que os contornos dos conhecimentos dos alunos vão sendo moldados após as explicações dos conteúdos das oficinas.

(4) Os alunos mantêm o entendimento inicial: jornalismo noticioso informa e o jornalismo noticioso opina.

(5) Verificamos que sutilmente houve um acréscimo de entendimento comparado a resposta inicial, a qual falava que era um ponto de vista do texto. Agora, os sujeitos da pesquisa apontam que há uma inclinação intencional para tomar partido (favorável ou não) de algo. Eles usam o termo “pende” (gíria popular nordestina) para relacionar ao significado de “direcionamento”. Essa inclinação é mediada por quem escreve os textos jornalísticos, segundo está escrito na resposta final da última atividade.

Frente a tudo que foi coletado e analisado, podemos afirmar que a principal intenção dos veículos de comunicação é informar através das notícias ou reportagens. Por muitas vezes, fica percebido que o autor, ao escrever tais textos, têm uma tendência a empregar suas opiniões, mesmo que de forma implícita. É o que podemos perceber quando analisamos linguisticamente os enunciados. Vemos que as escolhas linguísticas escondem um teor de parcialidade. Sabiamente, os editores de tais textos fazem isso para guiar seus leitores (aqueles que apenas leem e não se detêm a analisar o que está sendo lido) para o lado ideológico que lhes convém. Observa-se que a parcialidade é usada como recurso de convencimento para que o leitor acredite no que está lendo. Nas atividades, pudemos afirmar que cada termo escolhido (sujeito, verbo, complemento, figuras de linguagens, recursos visuais, etc.) numa construção frasal não é mera coincidência, eles são utilizados para formar os efeitos de sentidos e reforçar a parcialidade contida nas informações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, foram analisadas algumas notícias e reportagens e suas implicações pedagógicas. Os enunciados dos textos jornalísticos foram o nosso campo de investigação bem como as respostas coletadas dos sujeitos imersos no campo pesquisado (sala de aula). As principais obras utilizadas para as análises foram as de Bezerra e Reinaldo (2020), Geraldi (1984; 1993) e Mendonça (2019). Por fim, averiguou-se que os critérios de escolha do léxico nas construções frasais mudam ou dão sentidos diversos aos textos. Nota-se também que essas utilizações de recursos linguísticos são uma prática recorrente utilizada pelos editores dos textos jornalísticos.

Após as análises dos textos jornalísticos e das construções dos seus enunciados, observaram-se os diversos efeitos de sentido detectados com uma leitura mais aprofundada e crítica de tudo que se lê. Fica percebido que a AL é fundamental para detectar esses sentidos contidos nos discursos jornalísticos conforme apontam Bezerra e Reinaldo (2020). A partir das análises dos textos, percebemos que, por trás das escolhas linguísticas de cada enunciado, há sim um sentido ideológico e implicitamente os traços de parcialidade discursiva. Consideramos que os sujeitos da pesquisa obtiveram uma evolução após as três oficinas. Tais considerações deram-se pelas observações pessoais enquanto pesquisadora e professora estagiária e pelas atividades e respostas coletadas antes e depois das oficinas.

O estudo realizado na presente monografia contém um teor de importância considerável quando pensamos no desenvolvimento estudantil e nas habilidades interpretativas e analíticas dos estudantes frente a textos jornalísticos. A pesquisa não só propôs as análises linguísticas nas atividades propostas em sala de aula, mas também aguçou os estudantes para a real finalidade do texto: comunicar. A importância de os jovens estudantes ampliarem seus olhares para além das palavras e aprenderem a observar o que está por trás das entrelinhas sendo fundamental para o seu desenvolvimento acadêmico. A presente pesquisa também servirá para os novos professores no sentido de que devemos ter essa concepção de guiarmos nossos alunos para uma leitura crítica/analítica.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO. Luiz **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina- ARI, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil**. In: Revista Linguagem em Dis(curso). In: Luiz Beltrão apud BONINI. Tubarão, vol. 2, n. 1. jul/dez. 2001.

BEZERRA. Maria Auxiliadora. REINALDO. Maria Augusta., **Análise Linguística: afinal a que se refere?** 2 ed. Recife: Pipa Comunicação, 2020, Campina Grande/PB: EDUFPG. Disponível em: <https://projetoacademico.com.br/pesquisa-cientifica/> Acesso em 29 de janeiro de 2023.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1997.– Brasília Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: Acesso em: 14 jun. 2023.

BUENO. Luiza. **Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos**. Série Ideias Sobre Linguagem. Campinas, SP: Mercado de letras, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FILHO. Francisco Alves. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. Coleção Trabalhando com ... na escola. São Paulo: Cortez, 2011
Flick, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa- tradução** Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GERALDI, João Wanderley. **Unidade básica de ensino de português**. In: —(org). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br> acesso em junho de 2023.
Histórias das ideias linguísticas no Brasil. <<https://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_01.html>> . Acesso em: 14 junho 2023.

KARWOSKI. Acir Mario. BRITO. Beatriz Siebeneicher. **Org. Gêneros textuais: reflexões e ensino Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

KARWOSKI, Mario Acir. BRITO Siebeneincher. **Gêneros textuais: reflexões e ensino orgs -. in: Luiz Antônio Marcuschi; in: Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação** .2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (ORGS.) **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. 2006. Disponível: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_Gêneros_textuais_definições_funcionalidade.pdf, acesso em 16 de setembro de 2023.

MARTINS, Lilia N. **Parcialidade assumida na narrativa jornalística: análise das reportagens de Antônio Callado sobre a Guerra do Vietnã**. Palhoça Unisul. 2016. Disponível em <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/44/49>, acesso em 16 de setembro de 2023.

MATOS, Talliandre. **História em quadrinhos**. Disponível <https://mundoeducacao.uol.com>, acesso em: 24/08/2023.

MENDONÇA, Maria Cecília. **A produção textual na esfera escolar: considerações sobre a "escrita como trabalho"**. Diálogo das Letras v. 8, n. 1, Pau dos Ferros, 2019. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/549>. Acesso em: 16 de setembro de 2023.

MILLER, Stela. **O trabalho epilinguístico na produção textual escrita**. Departamento de didática (Faculdade de Filosofia e Ciências- UNESP- Campus de Marília). Encontrado em: <<<https://escrevendoofuturo.org.br>>> Acesso em: 21 de junho de 2023.

MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica** – uma antropopedagogia renovada. Rio de Janeiro: DPA, 2004.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PRODANOV Cleber Cristiano, FREITAS Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. - 23, ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Geraldo José. (2014) **O discurso de outrem como marca de parcialidade no texto jornalístico informativo: uma abordagem enunciativa**. Tese Doutorado (em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul.

TAVARES, Maria Alice. **O verbo no texto jornalístico: Notícia e Reportagem**. Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br> acesso em: 15 de setembro de 2023.

VERNAGLIA, C. V. TAÍS. **Pesquisa qualitativa**. (Escola de enfermagem Alfredo Pinto). UNIRIO. PPGSTEH. Encontrado em: <<<https://educapes.capes.gov.br>>> Acesso em: 31 de julho de 2023.

ZIPSER. Meta Elisabeth; POLCHLPEK Silvana Ayub. **Do fato à reportagem: O ambiente da tradução jornalística**. ANO I, Vol. 1, N.º 1, UTFPR-Campus Curitiba. Revista Dito Efeito. Curitiba, 2019. Encontrado em: <<<https://periodicos.utfpr.edu.br>>> Acesso em: 24 de julho de 2023.